

O FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA: O COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTO EM GRUPOS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA REDE

Bruno dos Santos Joaquim (Universidade Federal de São Paulo – brunosjoaquim@hotmail.com)

Grupo Temático 1. Ensino-aprendizagem aberto, flexível e a distância

Subgrupo 1.1 Educação híbrida (Blended Learning): desafios e aproximações entre educação presencial e a distância

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo compreender de que forma ocorre o processo de aprendizagem colaborativa de estudantes do Ensino Médio nas redes sociais, em especial no Facebook. As redes sociais, apoiadas pela cibercultura e pela Web 2.0, quando utilizadas para o compartilhamento de conhecimento entre estudantes e professores, possuem grande potencial pedagógico. Através do método qualitativo foram entrevistados estudantes do Ensino Médio que fazem uso de grupos no Facebook para compartilhar conhecimento. A participação de professores ainda é incipiente, mas é possível concluir que os próprios estudantes reconhecem que é possível aprender através desta nova ferramenta.

Palavras-chave: Redes Sociais; Web 2.0; Ensino Médio.

Abstract:

This paper aims to understand how the process occurs collaborative learning of high school students in social media, particularly the Facebook. Social media, supported by cyberculture and Web 2.0, when used for knowledge sharing between students and teachers, have great pedagogical potential. By qualitative method high school students who use Facebook groups to share knowledge were interviewed. The participation of teachers is still incipient, but it is possible to conclude that the students themselves recognize that you can learn from this new tool.

Keywords: Social Networks; Web 2.0; High School.

1. Introdução

A passagem do século XX para o início do XXI é marcada pela aceleração das inovações tecnológicas e pelas diversas novidades que delas decorrem. Entre as grandes transformações sociais estão as novas formas de relação entre a sociedade e o saber. Segundo Pierre Lévy (1999), o crescimento do ciberespaço e o surgimento da cibercultura marcam a contemporaneidade e implicam numa significativa mutação nas relações de comunicação e educação. O desenvolvimento da internet e suas ferramentas demonstra que hoje a busca por conhecimento está marcada cada vez mais pela tecnologia, pela velocidade e pela colaboração.

No que se refere à educação, este processo implica em pensar como ela se entrelaça com a cibercultura. Este processo passa pela necessidade de repensar também o papel do professor, que já não precisaria mais exercer papel de detentor absoluto do saber. “A principal função do professor não pode mais ser a difusão dos conhecimentos [...]. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a inteligência coletiva dos grupos

que estão à seu cargo” (LÉVY, 1999, p. 171). O papel do aluno também se transforma, na medida em que ele já não aprende mais passivamente como antes.

No âmbito da internet, desde a década passada observa-se um fenômeno social cada vez mais abrangente, que cresce em inacreditável velocidade: o uso de redes sociais virtuais. Aplicativos, sites, softwares e plataformas como o Facebook, Orkut, LinkedIn, Instagram, MySpace, YouTube entre outros, se transformaram nos campeões de acesso da internet e, assim, os laços da vida social passaram a ocupar também o ciberespaço. Filósofos e sociólogos que já vinham há décadas investigando o fenômeno da cibercultura, se depararam com um aprofundamento ainda maior da virtualização e da interatividade advindas da internet, em especial após o surgimento da Web 2.0.

Notou-se, a partir de observações do ciberespaço e do convívio com alunos do Ensino Médio, que muitos vêm utilizando o recurso da formação de grupos, ou comunidades, de usuários do Facebook, unindo os alunos e alguns professores de suas turmas em uma única página. Esta ferramenta permite o compartilhamento de documentos, vídeos, informações, discussões, enfim, de uma infinidade de elementos que contribuem para a aprendizagem. Tomando as possibilidades do uso destes grupos de estudantes e professores como objeto de análise, esta pesquisa se debruça no tema com o objetivo de contribuir com algumas questões fundamentais. Como funcionam estes grupos? Qual o papel dos professores dentro deles? Ele pode ser considerado uma ferramenta de aprendizagem colaborativa? Qual o olhar dos estudantes?

Adotando uma abordagem qualitativa, a pesquisa de campo se deu em uma escola privada no litoral do estado de São Paulo, onde alunos do Ensino Médio foram entrevistados. A intenção fundamental é compreender suas percepções sobre esses grupos e poder, dessa forma, contribuir com a compreensão deste fenômeno. Apenas parte da análise dos dados obtidos está presente neste trabalho. Foram elencadas as considerações fundamentais para construir uma argumentação diante do objeto proposto. Para isso foi também necessária uma pesquisa teórica que abordou a questão da cibercultura, principalmente pautado no pensamento de Pierre Lévy (1998; 1999), o desenvolvimento da Web 2.0, a partir dos textos de Mattar (2013) e Aparici (2012) e da aprendizagem interativa e colaborativa com o pensamento de Silva (2001; 2008).

2

2. Web 2.0, Redes Sociais e a Aprendizagem Colaborativa

As significativas transformações provocadas pela cibercultura oferecem enorme impacto também sobre a educação. Trata-se, segundo Lévy (1999; 2000) de uma nova forma de lidar com o próprio saber, tanto do ponto de vista quantitativo, quanto qualitativo. Do ponto de vista quantitativo a demanda por conhecimento e informação é muito maior do que no passado. Do ponto de vista qualitativo, o que se acompanha é uma mudança fundamental nos processos de aprendizagem, cada vez mais centrados na aprendizagem cooperativa e na construção da inteligência coletiva (APARICI, 2012).

Na internet o fenômeno da Web 2.0 trouxe uma reorganização em sua dinâmica. As novidades sugerem novas possibilidades de comunicação, produção e compartilhamento de conhecimento. A Web 2.0 rompe com as formas de comunicação de massa concentradas no emissor de informação, que exerce poder sobre os receptores. “Na Web 2.0, a relação comunicativa é de todos com todos, e se pode estabelecer uma infinidade de conexões

entre todos os cibernautas” (APARICI, 2012, p. 25). Os blogs, wikis¹, MOOCs², e as redes sociais, são exemplos de tecnologias proporcionadas pela Web 2.0, e que já são consideradas ferramentas da educação.

As novas possibilidades da Web 2.0 aprofundam ainda mais a ideia de Lévy (1999) acerca da inteligência coletiva, isto é, a construção do conhecimento que ocorre por meio de uma mobilização efetiva das competências de milhões de usuários. Segundo Mattar (2013) a colaboração é a característica mais fundamental da Web 2.0, pois suas novas ferramentas permitem novas relações de interação que antes não existiam. “A Web 2.0 modificou as regras do jogo e permite que na internet seja possível contribuir de maneira colaborativa na construção do conhecimento coletivo, a partir de atos de comunicação individuais ou grupais” (APARICI, 2012, p.25). Quando a educação se apropria desses recursos e trabalha sob a perspectiva da interação e da construção da inteligência coletiva, pode-se afirmar trata-se da aprendizagem colaborativa.

Na Web 2.0 o usuário não é mais um consumidor passivo, mas um codesenvolvedor do software. Quanto mais usado e modificado pelo usuário, melhor ele fica. Na Web 1.0 o usuário tinha acesso ao download de conteúdo, enquanto hoje é capaz de modifica-lo e recolocá-lo na rede para que outros intercedam. Esta característica, trazida para o campo da educação, “permite repensar a ideia do aluno passivo e projetar um aluno participativo, também coautor do processo de aprendizagem” (MATTAR, 2013, p. 21).

A aprendizagem colaborativa é um recurso na área de educação que consiste em estabelecer um procedimento onde o aluno, em conjunto com o professor, estabeleça buscas, reflexões e discussões acerca de temas de interesse. Elasurge da necessidade de inserir metodologias interativas na educação e propõe que os membros de uma comunidade se posicionem de modo que contribuam mutuamente com a produção de conhecimentos. O processo de ensino aprendizagem colaborativo envolve todos aqueles que fazem parte do grupo e usufruem de todas as ferramentas de pesquisa que o ciberespaço oferece. Ou seja, os estudantes constroem juntos o conhecimento e são protagonistas da sua própria aprendizagem.

Silva (2001) trata a interatividade como fator fundamental da aprendizagem colaborativa, diante do esgotamento do modo de comunicação massivo. Segundo ele, não há educação autêntica sem a efetiva participação do aluno na construção de sua própria aprendizagem. “O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se coautor” (SILVA, 2001, p. 9). Essa ideia de coautoria está presente na Web 2.0, o que reforça a disposição das novas tecnologias em proporcionar ferramentas para a construção da inteligência coletiva através de uma aprendizagem colaborativa.

A construção de uma aprendizagem colaborativa, online ou presencial, depende também de uma nova postura do professor.

O professor disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos alunos (SILVA, 2001, p. 9).

¹ Páginas da Web que podem ser editadas por qualquer usuário.

² Abreviação para a sigla em inglês *Massive Open Online Courses*. Trata-se de um curso online, geralmente gratuito e destinado a um número grande de alunos.

A escola, de modo geral, não vem acompanhando este processo na mesma velocidade em que ele se dá. De acordo com Aparaci (2012), crianças e jovens estão submetidos à dois universos em que dentro da sala de aula praticam uma cultura formal baseada na linearidade e na figura do professor, enquanto fora dela praticam uma educação informal que se conecta com o mundo através das redes sociais.

Segundo os autores Coll e Monereo (2010), a imagem de um professor transmissor de informação, protagonista central das trocas entre seus alunos e guardião do currículo começa a entrar em crise. Deste modo, há necessidade urgente de pensar em um novo movimento pedagógico, em que o docente se propõe a “se reconhecer como aprendiz e que, ao interagir com o aluno, envolve-se e o convida a envolver-se em um complexo processo de criação de fins imprevisíveis” (LOPES, 2005, p. 51).

A ideia de rede é o que melhor classifica as transformações decorrentes da Web 2.0 e dos novos caminhos para aprendizagem. “Elas constituem uma nova forma morfológica em educação, modificando substancialmente as operações e os resultados do ensino-aprendizagem” (MATTAR, 2013, p. 26). O conceito de rede trabalhado por Castells (1999) serve de base para pensar a estrutura na qual se constroem as redes sociais. Enquanto forma de organização social, elas sempre existiram, mas foi com o crescimento do ciberespaço e fomento da Web 2.0 que ela extravasou a esfera das relações presenciais e se tornou online, dando origem ao que se costuma chamar de redes sociais virtuais. Os softwares como Orkut, LinkedIn, Twitter, Flickr, Youtube, Second Life, Instagram e, o mais popular deles, o Facebook, que são usualmente chamados de redes sociais, são, na verdade, tecnologias proporcionadas pela Web 2.0. Hoje quase todos eles são acessíveis a partir de dispositivos móveis como smartphones e tablets, o que amplia muito sua inserção na vida cotidiana.

As redes sociais virtuais não foram criadas com objetivos educacionais, mas seus usuários direcionam o conteúdo compartilhado de acordo com seus interesses. Neste sentido, é possível compreendê-las como um espaço aberto de comunicação, e não é possível pensar em comunicação sem pensar em educação. Na medida em que alunos do Ensino Médio utilizam o Facebook como forma de compartilhar conhecimentos e informações de seu interesse, ele passa a ser uma plataforma de educação. “Os softwares em que se estabelecem essas redes [sociais] não foram produzidos para uso em educação, mas acabam sendo utilizados tanto para ensino como para aprendizagem” (MATTAR, 2013, p. 29). Trata-se, desta forma, de uma iniciativa autônoma dos próprios usuários que se apropriam dessas páginas para produção e compartilhamento de conteúdo de seu interesse. É um processo que acontece cotidiana no âmbito da educação informal, mas que se bem direcionado pode abranger também a educação formal e fazer servir como ferramenta de alunos e educadores.

O uso de redes sociais na educação é encarado como um processo que visa acompanhar novas formas de socialização da nova geração. Segundo dados do IBGE (2013), 74,1% dos jovens de 15 a 17 fazem uso da internet e redes sociais no Brasil.

As redes sociais são o *habitat* da geração que recebemos, hoje, em nossas escolas e universidades. Portanto, incorporar redes sociais à educação parece um passo instintivo para mantermos o contato com nossos alunos. A Web e as redes sociais já são amplamente utilizadas pelos alunos para pesquisar e discutir educação, seja no Ensino Fundamental e Médio, seja no Ensino Superior e corporativo [...] (MATTAR, 2013, p. 15).

A interatividade que um grupo no Facebook oferece é uma verdadeira oportunidade pedagógica, se bem utilizado pela escola e principalmente pelo professor. Segundo Mattar (2013),

Grupos são espaços online em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos. [...] Quando um membro posta algo no grupo, como um link para um artigo, uma questão ou uma atividade, outros membros receberão uma mensagem do Facebook com a atualização. Essa seria uma oportunidade para estender a aprendizagem para fora das paredes da sala de aula tradicional [...] (MATTAR, 2013, p. 118).

Há ainda poucos trabalhos de pesquisa, principalmente no Brasil, que tratem dos limites e possibilidades do Facebook enquanto ferramenta de aprendizagem colaborativa. Destacam-se os trabalhos de Patrício e Gonçalves (2010), Minhoto (2012), Brescia (2013) e Mattar (2013), autores que tratam do potencial pedagógico do Facebook e outras redes sociais.

O pesquisador português Minhoto (2012), ao analisar o uso do Facebook no ensino de Biologia, traça três proposições fundamentais que direcionam o entendimento das suas possibilidades. “O Facebook é adequado para apoiar o ensino presencial [...]; o Facebook permite a criação de um contexto que potencia a aprendizagem colaborativa [...]; a utilização do Facebook reflete-se na dinâmica da aprendizagem” (MINHOTO, 2012, p.4). Neste sentido, é possível afirmar que o Facebook “transformou-se não só num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas igualmente um meio de oportunidades para o ensino” (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010, p.594).

A pesquisa de Brescia (2013) procura compreender como os educadores atuam na plataforma da rede social Facebook tendo como finalidade o auxílio à aprendizagem de seus alunos. Para isso faz um estudo de caso na própria rede social e entrevista professores e alunos membros de grupos em que há ensino e aprendizagem. A autora procura desenhar também uma síntese das metodologias do uso da rede por professores de ensino presencial e aponta a mudança de postura do professor como um caminho necessário para uso efetivo das TICs e redes sociais em educação.

O presente trabalho se diferencia do de Minhoto (2012) e Brescia (2013) porque os grupos do Facebook aqui estudados foram criados e são coordenados pelos próprios alunos do Ensino Médio. Ainda que haja participação de alguns professores, como os relatos demonstram, a iniciativa autônoma é dos estudantes. Além disso, Brescia (2013) se dedica à reflexão acerca do papel dos professores nestes grupos. Enquanto nesta pesquisa o professor tem papel secundário, ainda que se faça uma análise da necessidade de mudança no sentido de adotar uma nova postura, no de Brescia (2013) há uma intensa preocupação com os procedimentos metodológicos dos professores.

Esta pesquisa procura investigar uma das inúmeras possibilidades de uso do Facebook como ferramenta da educação. Os grupos criados por alunos do Ensino Médio com o objetivo de compartilhar conhecimento e informações entre si é uma prática de comunicação e educação em que o estudante é protagonista do processo de aprendizagem colaborativa.

3. Metodologia

Desde o desenvolvimento da problematização deste trabalho, a abordagem qualitativa se revelou a mais adequada. A reflexão metodológica é parte fundamental da pesquisa científica. É preciso esclarecer que metodologia é entendida aqui como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, questionando acerca de seus limites e possibilidades (DEMO, 1989). Ela é, dessa forma, um instrumento a serviço do pesquisador, que oferece ferramentas para sua investigação. Sendo assim, “o uso de uma metodologia ou de outra dependerá muito do tipo de problema colocado e dos objetivos da pesquisa” (MARTINS, 2004, p. 293).

Para esta pesquisa, a seleção de uma metodologia qualitativa decorreu do conjunto de características que a aproximam das necessidades indicadas tanto pelo objeto de análise quanto pelo próprio pesquisador. Este recorte metodológico foi escolhido para investigar o uso da rede social virtual Facebook no compartilhamento de conhecimento de alunos de uma escola de ensino médio privada no litoral do estado de São Paulo. Elaborou-se um questionário semiestruturado com 14 questões abertas, que foi aplicado à 12 alunos dos três anos do Ensino Médio.

O processo de elaboração do questionário exigiu alguns cuidados fundamentais. As questões foram elaboradas no sentido de obter dados relevantes à pesquisa, tendo como foco questões sobre a dinâmica dos grupos no Facebook, o tipo de conteúdo compartilhado e a interferência da escola e do professor. De um total de vinte questões produzidas, doze foram selecionadas após serem testadas com alunos de outra escola que não a investigada. Após ser testado e validado, o questionário se definiu como um guia para as entrevistas. Isto porque seu formato semiestruturado permitiu que o pesquisador entrevistasse quando necessário, reforçando ou acrescentando algum questionamento.

A escola selecionada para a pesquisa empírica se caracteriza como uma instituição privada, com estudantes de um bairro de classe média do litoral do Estado de São Paulo. Sua seleção não obedece necessariamente um critério de representatividade, objetiva apenas inferir algumas generalizações sobre como jovens estudantes usam o Facebook para compartilhar conhecimento e estendem para o ciberespaço as relações estabelecidas em sala de aula.

A escola estabeleceu a condição de que as entrevistas fossem realizadas apenas durante o período de intervalo de aulas, que nesta escola é de 30 minutos, o que restringiu bastante o tempo e o número de entrevistados selecionados. Foram convidados para entrevista alunos de cinco salas do ensino médio: duas salas de primeiro ano, duas salas de segundo ano e uma sala de terceiro. De cada uma das salas foi entrevistado o moderador da página do grupo no Facebook e mais um ou dois alunos, indicados por eles. Como um dos objetivos propostos pela pesquisa é compreender a origem da iniciativa de criar esses grupos, a escolha dos moderadores se fez necessária, pois na maioria das vezes eles são também os criadores da página. Para realização das entrevistas a escola foi visitada quatro vezes ao longo do mês de setembro de 2013.

É importante ressaltar que os jovens inseridos na cibercultura dominam as redes sociais como poucos e tem uma postura bastante reflexiva acerca disso. Segundo Zanten (2004) os atores sociais do mundo contemporâneo possuem um olhar mais apurado sobre a sua realidade, pois refletem constantemente sobre ela. Os alunos entrevistados obviamente

já possuem uma visão construída sobre os limites e as possibilidades do uso dessa ferramenta de aprendizagem. Ao pesquisador cabe buscar captar essas percepções e tentar amenizar a relação de poder que se impõe entre pesquisador e pesquisado. “É difícil manter uma postura como se o investigador estivesse desvelando uma realidade que era totalmente ignorada pelos atores” (ZANTEN, 2004, p. 31).

4. Análise de Dados

A utilização dos grupos de perfis no Facebook vem sendo cada vez mais comum entre seus usuários. Esta ferramenta possibilita o aglutinamento de pessoas com interesses comuns. Em uma rápida busca na rede social é possível encontrar grupos dos mais variados temas. Essas páginas podem ser abertas, quando qualquer usuário consegue visualizar seu conteúdo, ou fechadas, quando é necessária a aprovação de um moderador para ter acesso a seu conteúdo. Elas são capazes de agregar poucos ou milhares de usuários que dentro delas podem compartilhar qualquer material: arquivos, vídeos, textos, enquetes, links, etc. Seu uso é intuitivo, pois não demandam muito tempo para o usuário se familiarizar com todos os seus recursos.

O conteúdo compartilhado nos grupos do Facebook é, via de regra, relacionado ao dia-dia da sala de aula. Os assuntos, arquivos, comentários e discussões postados estão, segundo os estudantes, quase sempre ligados à escola. Quando perguntados sobre o que exatamente é compartilhado pelos seus colegas de classe foram citados: a) slides (6 citações); b) avisos de datas, procedimentos e organização de trabalhos em grupo (6 citações); c) recados dos professores e comunicados da escola (5 citações); d) avisos de tarefas de casa (5 citações); e) informações sobre ENEM e vestibulares (4 citações); f) vídeos e vídeo-aulas (2 citações); g) organização de eventos e encontros fora da escola (2 citações); h) comentários sobre as aulas (1 citação); i) críticas à escola (1 citação); j) fotos da turma (1 citação); k) piadas e brincadeiras (1 citação).

Segundo os estudantes, também não há participação ativa de todos os alunos nesses grupos. “Somente alguns participam. Outros apenas visualizam ou comentam o que foi postado” (ESTUDANTE 2). Alguns alunos não contribuem com conteúdo, mas fazem uso do grupo quando necessário. “Alguns alunos quando faltam [à escola] perguntam no grupo o que perderam, se houve trabalho, tarefa e etc. Sempre alguém responde” (ESTUDANTE 3). É possível perceber que o uso da página para manter-se informado é muito comum entre os usuários do grupo, mais até do que contribuir com novas postagens. “Eu geralmente só entro no grupo para ver o que foi postado. Só às vezes curto alguma coisa. Muitos fazem isso porque às vezes uma postagem tem só dois comentários, mas tem 40 visualizações” (ESTUDANTE 11). Pode-se notar que ainda que o abastecimento de conteúdo do grupo fique à cargo apenas de alguns alunos, muitos outros o utilizam como fonte de informação e conhecimento. Não seria importante talvez maior envolvimento da escola e dos professores para que esses alunos fossem incentivados a também produzir conteúdo? De que forma isso favorece o processo de aprendizagem desses alunos? Onde o professor e a escola poderiam intervir para mediar a aprendizagem por essas novas ferramentas do ciberespaço?

A participação dos professores nesses grupos, seja ela mais ou menos constante, foi constatada nas entrevistas. Segundo os estudantes, todos os grupos contam com a participação de professores, em maior ou menor grau. Entre os 12 estudantes entrevistados 5 afirmaram que todos os professores foram convidados e integrados (ou adicionados) ao

grupo da classe. Entretanto, os outros 7 alunos afirmaram que apenas uma parcela dos professores teria sido convidada para integrá-lo. Dois fatores justificam essa exclusão de parte dos professores dessas turmas: a) o fato de alguns professores não serem usuários da rede social; b) uma opção dos próprios alunos de acordo com critérios de afinidade.

As relações entre os estudantes são diferentes quando acontecem no ciberespaço. Segundo os entrevistados, seus colegas demonstram maior interesse pelo conhecimento quando não estão em sala de aula. “Tem alguns alunos que dormem nas aulas, mas participam sempre das discussões no Facebook. [...] Talvez porque no Facebook não haja pressão da escola ou de um professor, é um espaço livre” (ESTUDANTE 7). “Acho que eles têm mais interesse quando não estão aqui [na escola]. Alguns parecem outras pessoas. Acho que na internet se sentem mais livres, falam o que pensam” (ESTUDANTE 4). A sensação de liberdade e coautoria estão presentes em muitas falas dos estudantes. As explicações para esta mudança de comportamento são diversas. “Temos um propósito em estar lá [no grupo]. Aqui, nem sempre” (ESTUDANTE 2). “Eu posso decidir o que quero fazer e a hora em que vou fazer” (ESTUDANTE 6). Por que essa mesma sensação de liberdade não existe no ambiente presencial? Por que a sala de aula parece engessar o interesse de alguns alunos, ao passo em que o Facebook desengessa?

Para além das novas e velhas teorias de aprendizagem que buscam explicar de que forma estudantes do século XXI aprendem, esta pesquisa procurou investigar se os alunos da escola investigada acreditam ser possível aprender através do Facebook. Entre os 12 alunos entrevistados, 10 afirmaram acreditar que é possível aprender pelo Facebook, enquanto outros 2 não souberam responder. Este resultado é significativo, pois sugere que a percepção acerca do potencial das redes sociais como ferramentas da educação não está restrita aos pesquisadores da área. Os próprios alunos vislumbram as possibilidades de aprendizagem através das redes sociais virtuais. “Se for bem usado, o Facebook ajuda muito a aprender. Eu já estudei para algumas provas só pelo Facebook, com o que o pessoal compartilhou lá” (ESTUDANTE 6).

O que esses alunos aprendem não se restringe ao conteúdo escolar e muito além da preparação para uma avaliação. A criação de um ambiente de comunicação, a pesquisa, a produção e seleção de material, os debates, a tomada de posição, a liberdade de opinião, a colaboração, enfim, são elementos da construção do saber que deveria existir em sala de aula, mas que graças à iniciativa dos próprios estudantes, vem ocorrendo nos grupos do Facebook, transformando-o em um ambiente de aprendizagem colaborativa. Esta dimensão da aprendizagem não é necessariamente percebida por todos os estudantes, mas parte disso está presente em algumas falas. “Eu aprendo com a troca de material, escolhendo o que postar e tirando dúvidas de algum colega” (ESTUDANTE 8). “O objetivo do grupo é aprender mesmo, é facilitar nossa vida, trocar ideias, fortalecer opiniões e informar” (ESTUDANTE 7). É possível afirmar, portanto, que, ainda que não haja a mediação adequada da maior parte dos professores, os grupos são um exemplo prático de aprendizagem colaborativa e construção de inteligência coletiva? As teorias tradicionais de aprendizagem dão conta de explicar este processo de aprendizagem ou é necessário repensar esses modelos explicativos à luz do século XXI?

8

5. Considerações Finais

Os objetos desta pesquisa são fenômenos considerados novos. A cibercultura, a Web 2.0, as tecnologias educacionais e o Facebook são temáticas que ainda demandam muito esforço intelectual para serem compreendidas com profundidade. Não é o objetivo apontar respostas definitivas neste trabalho. O que se procurou levantar foram as novas possibilidades de questionamento, a partir dos relatos dos alunos entrevistados.

O que se pretende é realçar que os alunos já compreendem a importância que as redes sociais podem ter para sua aprendizagem, enquanto grande parte de suas escolas e professores ainda não. Neste sentido, este é preciso inserir o conceito de educomunicação ao debate. Pautado principalmente por Ismar Soares (1999), o tema da educomunicação se faz necessário por entender que o uso das redes sociais depende de uma visão mais ampla do sentido da comunicação, tanto dentro da sala de aula, quanto no ciberespaço. É importante que haja um ambiente aberto ao diálogo, isto é, uma sala de aula interativa (SILVA, 2008), para que o uso das redes sociais seja bem sucedido. Se as redes sociais são importantes espaços de comunicação, e não é possível pensar educação sem comunicação, então os autores que tratam da teoria e da prática da educomunicação devem fazer parte deste debate.

O conceito de educomunicação propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos na escola e em outros espaços de aprendizagem, rompendo com a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar. (SOARES, 2000).

A partir da análise dos dados obtidos nas entrevistas com os estudantes, alguns questionamentos levantados indicam a necessidade de aprofundar a discussão acerca do uso do Facebook em educação. Se o uso das redes sociais já é uma prática cultural dos estudantes do Ensino Médio, porque não utilizá-la com objetivos educacionais? Se os grupos foram criados e são administrados pelos próprios alunos, pode-se dizer que há uma demanda para que professor e escola se adaptem às novas formas de lidar com o conhecimento? Os grupos, por si só, já não representam uma busca criativa, autônoma e colaborativa pelo conhecimento?

Está claro que faltam ainda ações inovadoras, projetos que valorizem de fato o protagonismo do aluno na produção e no compartilhamento de conhecimento. O que se constata é a subutilização dos grupos no Facebook enquanto ferramenta pedagógica. Na medida em que poucos professores fazem parte destes grupos e utilizam as redes sociais para seu trabalho pedagógico, pode-se afirmar que há um reflexo da má formação? Seria também uma resistência em relação à proposta de mudança de papel do professor, que não precisa mais centralizar o conhecimento, mas comportar-se como mediador na construção colaborativa da aprendizagem?

Estes questionamentos direcionam pesquisas futuras, pois, além do tema ser relativamente novo, ainda são poucos os especialistas dedicados à temática. Como indicativo para novas pesquisas, destaca-se a necessidade de compreender o papel da cibercultura na formação de professores e a construção de metodologias que sirvam aos professores interessados em utilizar o Facebook ou outras redes sociais em seu trabalho pedagógico.

Referências Bibliográficas

APARICI, Roberto. *Comunicação e Web 2.0*. In.: APARICI, R. (coord.) Conectados no Ciberespaço, São Paulo: Paulinas, 2012.

BRESCIA, Amanda Tomonelli. *Redes Sociais e Educação: o Facebook e suas possibilidades pedagógicas*. Dissertação de Mestrado. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013, 166 p.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 1999.

COLL, César; MONEREO, Carles. *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

LÉVY, Pierre. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Artmed, São Paulo, 1998.

_____. *Cibercultura*. Editora 34, São Paulo, 1999.

LOPES, Rosana Pereira. *Um novo professor: novas funções e novas metáforas*. In: ASSMANN, Hugo. *Redes Digitais e Metamorfose do Aprender*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

MARTINS, Heloisa H. *Metodologia Qualitativa de Pesquisa*. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 30, n. 2, maio/ago., 2004.

MATTAR, João. *Web 2.0 e Redes Sociais na Educação*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MINHOTO, Paula Maria Lino Veigas. *A utilização do Facebook como suporte à aprendizagem da biologia: estudo de caso numa turma do 12º ano*. 2012. 122f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) – Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal.

PATRÍCIO, R., & GONÇALVES, V. *Facebook: rede social educativa?* In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf> Acessado em 08/12/2013.

SILVA, Marco. *Sala de Aula Interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania*. INTERCOM, Campo Grande, 2001.

_____. *Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online*. In: *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Comunicação Social*, PUC-RS, Porto Alegre, ano 2, vol. 1, n. 37, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. In: Cotato, Brasília, Ano 1, N 1, jan/mar. 1999.

_____. *Educomunicação: um campo de mediações*. In: Comunicação & Educação, São Paulo, n. 12, set./dez., 2000.

ZANTEN, Agnés Van. *Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização*. Perspectiva, Porto Alegre, v. 22, n.01, jan/jun., 2004.